

### 3.2 O pensamento de Deus nos Sonetos

*Penso como Proudhon, Michelet, como os ativos; sinto, imagino e sou como o autor da Imitatio Christi.*

ANTERO DE QUENTAL

No capítulo anterior, apresentamos, nas *Odes*, a relação dos erros que Antero considerou mais graves no Catolicismo, e que o levaram, mais uma vez, a buscar soluções para a sua persistente angústia, mas é nos sonetos constantes do volume das *Odes* que ele vai especificar de modo mais pessoal as suas dúvidas.

Se sua preocupação com as injustiças sociais e com a instituição Igreja Católica, aparentemente, parecia exposta e aplacada, o mesmo não se pode dizer do problema principal, fonte de toda uma angustiante expectativa – o seu relacionamento com Deus:

[...] um sistema de idéias não só há-de convir à inteligência, mas também satisfazer o coração. Se a inteligência, por agora, não ficou satisfeita com o universo da ciência, o mesmo sucede ao sentimento. (RAMOS, 1942, p.58)

Debatendo-se entre Proudhon e Hegel, Antero põe-se entre o “humanismo democrático” dos franceses, “belicoso e estrídulo”, (SÉRGIO, 1943, p.11) característico do *Livro Segundo* das suas *Odes*, e o conservadorismo do idealismo alemão, caracterizado pelo “evolucionismo dialético do sistema hegeliano”, (Ibidem, p.13) mais teórico, do seu *Livro Primeiro*.

Daí deriva sua insatisfação espiritual e justifica-se a célebre passagem da Carta a W. Storck, quando escreve: ”varrida num instante toda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungentes quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida”.

Desse estado “naturalmente religioso” promana, segundo António Sérgio no Prefácio às *Odes Modernas*, “a terceira corda – a que poderíamos chamar elegíaca” (SÉRGIO, 1943, p.15), da tríade composta pelo *pensar* de Proudhon, de Hegel e do próprio Antero.

Esse tom elegíaco, terno e triste, vai transparecer em alguns versos de “*Tentanda Via*”:

É a saudade, que nos rói e mina,  
E gasta, como à pedra a gota d’água...  
Depois a compaixão, a íntima mágoa  
De olhar essa tristíssima ruína...

Tristíssimas ruínas! Entristece  
E causa dó olhá-las – a vontade  
Amolece nas águas da piedade,  
E, em meio do lutar, treme e falece.

Cada pedra que cai dos muros lassos  
Do trêmulo castelo do passado,  
Deixa um peito partido, arruinado,  
E um coração aberto em dous pedaços!...  
(Ibidem, p.14)

A essas meditações do poema acima junta-se o passado histórico e um futuro para o qual caminha a Revolução em marcha, como percebemos em “*Flebunt Euntes*”:

Também sei, também sei o que são lágrimas!  
E sei quanto se deve  
Às cinzas dos Avós, quando as lançamos  
Aos ventos do oceano!

...Passado! – Eu sei dar pranto a estas tristezas,  
A estes restos saudosos  
Do velho mundo. Vós, que estais chorando,  
São belas essas dores!

[...]

Depois, avante! Os astros não se extinguem!  
Há céus e espaços novos!  
Enterre-se o passado com piedade...  
Mas o olhar... no futuro!  
(Ibidem, p.14/15)

Percebe-se, nesses versos, a preocupação de Antero em tentar mostrar-se ainda ligado às raízes de sua tradição, que permanecem, trazendo consigo todo o espiritualismo do qual se torna ineficaz qualquer tipo de fuga:

Fora do universo do *materialismo* científico, escravizado pela necessidade e pelo férreo regime das leis, há um universo *independente de toda a fenomenalidade*, onde o espírito, como verdadeiro Deus e acima de todo o relativismo se determina e patenteia, “se cria e fecunda continuamente”. Ora, esse espírito, no pensar de Antero, é uma energia espontânea de infinitas virtualidades criadoras: manifesta-se como *uma força autônoma, que se conhece na sua íntima natureza, que é causa dos seus próprios fatos e só às suas próprias leis obedece*, e, conseqüentemente, “existe em si e em si encontra a sua plenitude”.

(RAMOS, 1942, p.60)

Encontrar essa plenitude é elevar-se a um ideal que Antero chama de Deus. Na busca dessa plenitude, Antero perceberá a contradição surgida entre os valores seculares da Igreja Católica e seus próprios valores espirituais, o que trará às suas *Odes* a dualidade entre o *ser-social* (atuante e político) e o *ser-espiritual* (elegíaco), buscando a conciliação do “ser na sua unidade”.

Passados vinte anos da publicação das *Odes*, dizia Antero na carta a W. Storck:

Não sei bem como caracterizar este livro: não é certamente medíocre; há nele paixão sincera e elevação de pensamento; mas, além de declamatória e abstrata, por vezes aquela poesia é indistinta e não define bem e tipicamente o espírito que a produziu. [...] Acima de tudo é, como dizem os franceses, poesia de combate: o panfletário divisa-se muitas vezes por detrás do poeta, e a igreja, a monarquia, os grandes do mundo, são o alvo das suas apóstrofes de nivelador idealista. Noutras composições, é verdade, o tom é mais calmo e patenteia-se nelas a intenção filosófica do livro, vaga sim, mas humana e elevada.[...]. (QUENTAL, 1943, p.17/18)

Na explicação acima, Antero critica a forma “declamatória e abstrata” das *Odes*, sendo corroborado por António Sérgio que considera ser o soneto o molde mais adequado para o pensamento e exposição das suas idéias: “[seu pensar] era um pensar de concentração, e não de expansão; de diamântica densidade, e não de volume”. (SÉRGIO, 1942, p.19)

Dividindo as *Odes Modernas* em dois livros e iniciando o *Livro Segundo* pelo díptico “Tese e Antítese”, Antero quis especificar seu conteúdo: ao *Primeiro*, caberiam os poemas de “serenidade doutrinária”, como se o poeta quisesse fazer uma preparação para o que viria; no *Segundo*, aludiria à “índole polêmica, insurreccionista, agressiva” das idéias dessa época.

Delimitando a temática de nossa pesquisa, veremos como se processou, numa época de tanta agitação, o constante pensamento de Deus.

Embora “Tese” e “Antítese” estejam colocados na abertura do *Livro Segundo* das *Odes Modernas* e sejam, segundo António Sérgio, representantes, respectivamente, do *Primeiro e do Segundo Livros*, iniciaremos o estudo dos sonetos pelos mesmos.

Em “Tese”, verifica-se o pensamento do que seria para Antero a teoria exposta no *Livro Primeiro* das *Odes*. Inicia-se o soneto pela reflexão do poeta, a exprimir uma dúvida que o aflige, diante de uma situação que lhe parece inexplicável: “Já não sei o que vale a nova idéia” e, como tantas vezes faz, modula a sua voz lírica e, em sete versos, traz à cena a única personagem de um breve drama – “desgrenhada”, “torva”, “presa das fúrias”, ela, antes a etérea “deusa de alma vasta e sossegada”, agora, a concreta “bacante embriagada”, “a luz da barricada”. Que ação se desenrola neste soneto para que lhe chamemos *drama*? Apenas a que se deduz da descrição da personagem, do seu vagar pelas ruas em movimentos oscilantes, irregulares, de bêbada, do seu olhar de olhos vermelhos, de sua respiração dificultosa, a aspirar fumo e fogo, dos gestos de desespero, da agitação de seu corpo – preso das fúrias de Medeia.

Justificado o estranhamento inicial do poeta pela apresentação do breve *drama*, ele retoma a voz lírica para fazer a sua crítica ao século em que vive: “século irritado e truculento”, onde se chama *pensamento* à epilepsia e *palavra*, ao estampido das armas. É o repúdio à violência, conciso e duro. Neste século, neste clima, não pode vicejar a idéia, sufocada pelo fumo, queimada pelo fogo, ensurdecida pelo estrondo “de pelouro e obus”. É “num mundo inalterável” – intocado pelo tempo –, “num cristalino Céu” – que pode viver. No último terceto, entretanto, a adversativa *mas*, introduz a reafirmação dos princípios norteadores da nova era e, novamente num processo retórico a que muitas vezes recorre, o poeta interpela o pensamento (que não lhe responde), a defini-lo e incitá-lo. E este permanece, em meio às abstrações, inalterado, estável: não é fogo, é luz.

A luz é, neste conjunto, o lado positivo do Fogo: é a luz que esclarece, que dá a tranqüilidade da visão do futuro, da sabedoria, contrariamente ao fogo-chama, ao incêndio ligado à noite, à revolução sangrenta das barricadas, contraponto destruidor da luz diurna da Idéia, impondo-se pela persuasão e não pela violência.

(JÚDICE, 1983, p.10)

No segundo soneto, “Antítese”, esta solução provisória, tranqüilizante, será posta em dúvida, porque não lhe basta: um dia, talvez, se atingirá esta idéia\_estável, mas será

necessário passar antes pelo combate, pela luta, pela fecundação da terra com o sangue dos heróis. (v.12-14).<sup>4</sup>

Para uma tentativa de melhor compreensão desse estágio poético de Antero, destacamos do *Livro Primeiro*, o conjunto intitulado “A Idéia” e o soneto, “Diálogo”.

Em “A Idéia”, traça Antero a evolução da sua concepção particular de Deus: vê-se, nesses versos, o apagamento de Deus no mundo dos homens e até dos astros, a necessidade de “buscar outro caminho”, à procura de “mais luz”, deixando o “doce e brando” “seio de Jesus”; de só, abandonado, “num esforço supremo de alma heróica”, erguer-se e “prender a imensidade eterna e viva / No círculo de luz da [...] Ideia!”<sup>5</sup>. De um sentimento particular, passa-se a um sentir universal e fraterno, despertando nos homens os sentimentos imanentes de Justiça e Verdade. Nessa transformação percebemos o Deus tradicional sendo trocado pela noção de Bem, fundidas as idéias divinas e humanas.

Embora constituída por sonetos – sete da primeira edição (1865), mais um da segunda, (1875) -, tem sua forma delineada por um processo que, a não ser pela síntese final de cada soneto, em tudo se assemelharia às *Odes*:

A arquitetura geral é a de sucessivos passos “dialéticos”, acabando por constituir na totalidade definitiva uma “série” lógico-ontológica [...], que apenas difere das outras longas *Odes* arquitetadas em longas seqüências decassilábicas pelo fato de a sua unidade de análise- síntese, se tornar mais nítida. ( LOPES, 1983, p.98)

No primeiro soneto da série, verifica-se o abandono da antiga fé, surgindo a dúvida em relação a Deus; afinal, “foi o mesmo Deus [...] quem decidiu velar a sua própria face” (SÉRGIO, 1956, p.253) e, através de signos / símbolos denotativos da fé perdida: *Templo, dólmen, Sinai e escada de Jacob*, destaca-se a perseverança na mesma. Entretanto, surgem os “ventos inimigos” que, num contexto histórico, apagaram as luzes de “todas as fés, dolménicas, mosaicas, proféticas ou cristãs” (LOPES, 1983, p.98), fazendo com que o próprio Deus ocultasse sua luz aos homens:

<sup>4</sup> Voltaremos a falar deste soneto quando passarmos à análise do *Livro Segundo* das *Odes*.

<sup>5</sup> Na citação do poema adotamos a ortografia portuguesa, que corresponde à pronúncia com e fechado usada em Portugal, onde *Ideia* rima com *cadeia*.

É que o lírio da Fé já não renasce:  
 Deus tapou com a mão a sua luz  
 E ante os homens velou a sua face! (QUENTAL, 1956, p.257)

No segundo, mantém-se, de modo doloroso, a noção do último apagamento, agora do “Pálido Cristo”, o “condutor divino” cuja mão perdeu a firmeza com que outrora nos conduzia; perderam-se as marcas do anúncio ou da presença de Deus: a palavra calou-se, a luz da “sarça-ardente dissipou-se / Ante os olhos do vago peregrino!”, um olhar que se estende ao de todos os homens, porque Deus deixou cair o Mundo de suas mãos, porque seu nome já não se inscreve nos astros. Peregrino que, empalidecido, desiste do Mundo: “– porque o Mundo / Desprendido rolou das mãos de Deus, / Como uma cruz das mãos dum moribundo!”

No terceiro soneto aparece o impacto da decisão: “Força é pois ir buscar outro caminho!”. É o momento da troca de valores: entre o Céu e a Terra, decide-se o poeta pela segunda, na certeza de que há um caminho a percorrer, de que o Mundo não se fechará. É seguir avante! Há, no entanto, no segundo terceto, uma hesitação, um olhar saudoso e elegíaco: “Doce e brando era o seio de Jesus...”, que, instantaneamente, é cortado pela frieza do “Que importa? Havemos de passar, seguindo, / Se além do seio dele houver mais luz!”

O quarto soneto da série apresenta-nos um Antero consciente de que Deus o abandonou, de que seu coração está desenganado do antigo amor, tentando exortar o outro – e a si mesmo – a reagir num esforço máximo, a trocar Deus pela Idéia, o que o fará sentir-se mais pleno. E a este homem, sozinho e descrente do céu, “impõe-se, então, um lema heróico, que assinala o momento mais vibrante e hoje vivo da série”: (LOPES, 1983, p. 98)

Faze um templo dos muros da cadeia,  
 Prendendo a imensidade eterna e viva  
 No círculo de luz da tua Idéia! (QUENTAL, 1956, p. 260)

Cumpre notar que, mesmo num momento de incisiva decisão, o segundo quarteto trai a emoção da fé recôndita: “Se não tens que esperar do Céu (tão puro, / Mas tão cruel!) [...]”, refletindo o sentimento de dor pela fé perdida.

O quinto soneto traz-nos, no primeiro quarteto, a tentativa de apreensão, de definição da Idéia, tentativa insegura, questionamento que busca aproximá-la – “quem é?”,

“quem foi que a viu?”, “quem lhe beijou a sua mão divina?”, “com seu olhar de amor quem se vestiu?”–; no segundo, às quatro perguntas dão-se três respostas vagas, imprecisas – “pálida imagem” refletida num rio que a levou, “incerta e fina / Luz “, “Nuvem que trouxe o ar e o ar sumiu...” É para essa “encoberta peregrina”, mas também “fria virgem desdenhosa”, que os homens devem voltar-se e o poeta os exorta:

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,  
Magros da febre dum sonhar profundo,  
Vós todos que a seguis nesses espaços! (Ibidem, p.261)

No sexto soneto, Antero estimula desejos e alma a seguir a Idéia, única amante que, embora novamente chamada *fria*, alternadamente esquiva ou acolhedora, é bálsamo que “adorme[ce] / [...] a antiga, a secular ferida!”. (Ibidem, p. 262)

No sétimo soneto, enfim, o encontro tão desejado da alma delirante com a Idéia, num espaço imaginário, um *lá*, onde o leito é o céu, o dossel e o cortinado são os astros, espaço que, ao fim, se situa – ainda mais abstratamente – “no seio da eterna claridade, / Aonde Deus à humana voz responde” e onde a Idéia se transfigura em Verdade.

Lá, no seio da eterna claridade,  
Aonde Deus à humana voz responde,  
É que te havemos de abraçar, Verdade! (Ibidem, p.263)

No oitavo e último soneto da série, somente incluído na segunda edição das *Odes*, de 1875, percebemos uma volta ao aspecto interiorista do pensamento anterior: “algo mais intimista, de pensar reflexivo” (Ibidem, p.251), onde o poeta tenta responder-se sobre o advérbio *Lá* que apontara e tentara definir no soneto anterior. Insatisfeito com a própria resposta, questiona-se sobre o lugar, esse lugar indefinido: “Lá! Mas onde é lá?”, desdobrando-se em um eu (o poeta) e um outro (o seu coração), atribuindo a pergunta a este e concluindo que aquilo que busca está dentro do próprio homem:

A Idéia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência,  
Só se revela aos homens e às nações  
No céu incorruptível da Consciência! (Ibidem, p.264)

A dialética apresentada pelos sonetos anteriores já não se concretiza na oposição entre céu e terra, entre o subjetivo e o objetivo. O que se vê nesse soneto é, principalmente, o *pensar* de Proudhon, para quem “a justiça e a moralidade da pessoa humana são de todo imanentes à sua própria consciência”( SÉRGIO, 1943, p.7), tornando-se poema as idéias contidas no ensaio crítico sobre *A Bíblia da Humanidade* de Michelet, escrito por Antero aos vinte e três anos de idade.

Sim. Esse Deus, buscado em vão na vastidão dos céus desertos, que não revela a imensidade desoladora e fria, ei-lo enfim que o vemos concentrado no fundo da consciência, dormitando, mas em movimento, mudo, ao parecer, mas murmurando sempre, como um canto de lendas misteriosas, o oráculo sucessivo dos Destinos! É o Deus da humanidade; a parte do ser eterno, que se move nele, que a forma, que é ela mesma. Jeová, Brama, Sabaoth, Alá, Cristo, por grandes, por luminosos que pareçam, não são mais que as sombras projetadas sobre a terra pelo vulto desse grande desconhecido – degraus da escada do desejo que essa alma sobe no caminho do seu Fim. (QUENTAL, 1991, p.16)

Ainda do *Livro Primeiro das Odes*, destacamos o soneto “Diálogo”, pela pertinência da temática religiosa no mesmo.

Neste poema, Antero faz um libelo contra o Cristianismo que, preocupado com o aspecto espiritual do mundo, se esquece da vida material. Essa queixa foi sistematizada em carta a Oliveira Martins, datada de 1876, onde ao mesmo tempo em que exaltava o Cristianismo –

O grande filósofo é a Humanidade e desse grande filósofo o melhor e maior sistema (por ora) é o Cristianismo católico. Há ali abismos de gênio, uma visão prodigiosa dos mais largos horizontes ideais, e ao lado disto um senso prático, uma prudência admirável, um profundo sentimento da estranha combinação de grandeza e miséria que é a natureza humana, de tal sorte que quem não conhece e compreende o Cristianismo não pode dizer que conhece e compreende a Humanidade. (CARREIRO, 1948, Vol. II, p. 55)

– conseguia ver-lhe as falhas, consideradas, por ele, como o “lado fraco” do Cristianismo: “a lacuna que, estabelecendo uma contradição fundamental, devia produzir, com o andar do tempo, a sua perversão e final dissolução – a ignorância da natureza.”( Ibidem, p.55)

Os interlocutores do “Diálogo” são a Cruz (o Cristianismo) e a terra (a Natureza); e nele já podemos observar sintomas pessimistas na avaliação que o espírito cristão faz desta:



“abismo e jaula”, “condenada escrava”, “lodo informe e rudo”, “fogo e horrída lava”, “lodo escuro e vil”; como contraponto, a Cruz se considera: “amor, firmeza”, “paz”, “o espírito, a luz!”

Neste soneto, Antero destaca a presunção da Cruz que, em relação à Terra, usa os adjetivos acima e se esquece de que esta é vida: “[...] falt[ava]-lhe completamente o melindroso sentimento do concreto, isto é, a ponte delicada por onde se passa das *idéias* para a vida.” (PEREIRA, 1993, p.25)

Colocando-se numa posição intermediária – entre o realismo da Terra e o idealismo da Cruz – Antero torna-se ambíguo e espera a síntese perfeita: não reconhece entre esses dois elementos uma separação eficaz, pois, embora sua cabeça raciocine em termos materiais, seu coração percebe que, sem Deus, isto é, a Luz, nada se torna completo:

Creio que a obra destes séculos mais próximos será, não destruir o Cristianismo (quero dizer, o espírito cristão, o ponto de vista da transcendência metafísica e moral), mas completá-lo com a ciência da realidade. (QUENTAL, 1956, p.274)

Passando ao *Livro Segundo* das *Odes*, analisaremos o soneto “Antítese”, e deste passaremos a “Palavras de um Certo Morto” e “A um Crucifixo”.

Frisando bem “o vermelhismo dos [poemas] que irão seguir-se” (SÉRGIO, 1943, p.16), Antero opõe às idéias de “Tese” as de “Antítese”. Se no primeiro se dedicou o autor a traçar planos para a propagação da idéia hegeliana, no segundo predomina o “protesto no domínio propriamente social, com idéias socialistas e anarquistas” (Ibidem, p.17), típicas do revolucionarismo francês de Proudhon.

Apresenta-se, no primeiro quarteto, a dúvida sobre a presença divina: “Num céu intemerato e cristalino / Pode habitar talvez um Deus distante”; há certeza, porém – e a adversativa *mas* a introduz – de que, na terra, o homem “vive e agita-se incessante...”

No primeiro terceto, iniciando o contraponto ao soneto anterior, a idéia, que lá se situara “estável”, “num cristalino Céu”, passa a habitar “peitos que palpitam” a “pulsar”, não no espaço celeste, mas no espaço terreno, humano.

No segundo terceto, o poeta assume o discurso direto para incitar à luta os povos, pregar o combate como a forma de transformar a “terra árida e bruta” em solo fértil. Valerá trazer aqui, porém, um excerto de uma carta a Oliveira Martins, em que fica mais claro o pensamento de Antero a esse respeito:

[...] convém fazer sentir a todos que só a paz e a liberdade fundam as coisas estáveis, mas fazer sentir também aos defensores endurecidos e intransigentes do passado que o povo trabalhador, de posse afinal de sua idéia, do que lhe dá uma missão e significação histórica, não recuará diante de nenhum sacrifício para realizar o seu direito[...] Como homens de ação, a nossa divisa é esta: crítica e reforma das instituições; paz e tolerância aos homens. (QUENTAL, 1956, p.115)

Em “Palavras de um Certo Morto” e “A um Crucifixo”, encontramos um Antero fortemente influenciado por uma série de leituras sobre a vida de Jesus, principalmente a de Renan, sobre as quais tece comentários:

Quanto mais estudo, mais me parece aquilo uma fantasia sentimental, um resto da velha credence [...]. O grande valor desse livro é todo lírico, pessoal, subjetivo; histórico, muito pouco. O mais curioso é que apesar disso (devia dizer, por isso mesmo) a *Vie de Jésus* se vai tornando centro de uma nova igreja cristã, de uma igreja em que se adora Cristo como “o mais divino dos humanos”, um “mestre inimitável da vida espiritual”.[...] O Cristianismo morreu totalmente: em corpo e alma. Não é só a lenda cristã que a razão moderna rejeita; é o espírito cristão, o sentir cristão, tudo. [...].(QUENTAL, 1948, Vol.II, p.23)

Necessário se faz que nos reportemos ao clima anticlerical, tão em voga no período, no qual “[a] Igreja era o alvo de todos os ódios e violências. Mas a Igreja não se destruía, sem se destruir o Cristianismo. E para o Cristianismo desaparecer, era preciso, em primeiro, fazer desaparecer o Cristo.” (NEVES, 1945, p.206)

Torna-se inegável a mudança de postura dos escritores portugueses em relação ao tratamento dispensado a Jesus; dos primórdios da literatura até os dias de Antero, se críticas houve, estas foram dispensadas apenas ao clero (Cantigas de Escárnio e Farsas de Gil Vicente), permanecendo intocável a figura de Jesus. Somente na geração de 70 passará a ser argüida a *divindade* do mesmo.

Para nosso poeta, entretanto, “[o] seu Deus [continua a ser] apenas de natureza íntima” e “Cristo não é Deus. É um homem extraordinário, símbolo da vida” (NEVES, 1945, p.45), ao qual Antero nunca renunciou.

Sua visão de um Cristo humanizado provém de que “renuncia aos dogmas da Igreja, entrega-se aos mitos da ciência, do progresso, da liberdade e da revolução.” (Ibidem, p.44)

Essa mudança na postura dos escritores portugueses da época deu-se pelos motivos expostos neste trabalho, citados a partir de 3.1.

É esse Cristo, tornado humano, que encontramos em “A um Crucifixo” (1874) (há outro soneto com o mesmo título, de 1862, já citado à página 19) e em “Palavras de um Certo Morto”, analisados a seguir.

Colocado por António Sérgio no Ciclo do Apostolado Social, o de 1874 é resposta ao de 1862, escrito doze anos antes, cujos últimos versos são: “De que serviu o sangue / Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?” Como se não houvesse solução de continuidade, o segundo assim se abre: “Não se perdeu teu sangue generoso,” pois dele “Surgiu armada uma invencível hoste...” Chama-lhe “plebeu antigo” – ao seu olhar de homem do século XIX, socialista, que nele põe, de certo modo, a origem do proletariado –; “vil e faccioso” – através do olhar dos contemporâneos de Jesus, que o viam como um subversivo da ordem política e religiosa.

Enquanto, no soneto de 1862, se lamentava a “inutilidade do sacrifício de Cristo”, neste, doze anos depois, verifica-se o erro da conclusão anterior, “pois que, se de fato o ritmo do viver do Cristo não ritmou até hoje a sociedade existente, criou um pensamento revolucionário enérgico, que modelará talvez a do porvir.” (SÉRGIO, 1956, p.122)

É esse Cristo que, junto a Hegel e Proudhon, Antero considera “aqueles a quem mais ama e a quem mais deve.” (Ibidem, p.123)

Humanizado, considerado um ancestral dos homens (“Por isso nós, a Plebe, ao pensar nisto, / Lembraremos, herdeiros desse povo, / Que entre nossos avós se conta Cristo.”), torna-se Ele o orientador “[d]a *Ecclesia pressa* de um novo Cristianismo.” (Ibidem, p.124)

Em “Palavras de um Certo Morto”, “mostra-nos Antero o pensamento divino, manifestado através das ações de Jesus” (Ibidem, p.234), quando, transformado num objeto de idolatria, vê-se privado do papel de “modelo de vida moral”: “[...] a Idolatria / Deu-me um altar e um culto...ai! adoraram-me, / [...] e amortalharam-me!”.

As reclamações sucedem-se: “Há mil anos, e mais, que aqui estou morto, / Posto sobre um rochedo à chuva e ao vento: [...]”; “Como se eu fosse *alguém!* Como se a Vida / Pudesse ser *alguém!*”; destaca-se, nesses versos, o sentimento de frustração pelo que poderia ter realizado, se lhe tivessem dado o direito de ser Vida (no sentido anterior: *princípio ideal espiritual*).

No Cristo amortalhado, “Só o espírito vive: vela absorto / num fixo, inexorável pensamento: / ‘Morto, enterrado em vida!’, o meu tormento / É isto só... do resto não me importo...”, o sentimento de impotência perante o que poderia ter sido: “o Cristo princípio, *idéia pura da vida*, e o Cristo personificado, idolatrado e por isso desvirtuado.”(Ibidem, p.246)

Pertencente ao Ciclo do Pensamento de Deus, portanto, de índole combativa, é um monólogo onde Cristo desabafa a dor de não ter sido compreendido pelos homens, que o materializaram, pregando-o, não numa cruz, mas num altar, e adorando-o. Em carta a Tommaso Cannizzaro, de 1889, ele explica claramente o seu pensamento:

O personagem que fala no meu soneto *Palavras de um certo morto* é, como por certo compreendeu, o Cristo: o Cristo símbolo, *idéia* e princípio da vida espiritual, personificado e idolatrado pela ignorância dos homens, que fizeram uma pessoa (*alguém*) de um princípio impessoal e por isso o desvirtuaram criando simplesmente uma nova idolatria. Tais são as queixas do Cristo e tal é o pensamento do soneto. [ ...] É talvez um pouco obscuro e metafísico; com efeito, várias pessoas me têm já perguntado qual o verdadeiro pensamento deste soneto. Esse pensamento consiste no contraste entre o Cristo, *idéia pura da vida*, o Cristo princípio e o Cristo personificado, idolatrado e por isso desvirtuado; de modo que a apoteose equivaleu à morte e enterro daquilo mesmo a que se pretendia dar imortalidade. A vida (princípio ideal espiritual) não pode ser *alguém* (uma pessoa, um indivíduo limitado): daí a contradição íntima do Cristianismo, o contraste e a ironia dolorosa das palavras que ponho na boca do Cristo, ao mesmo tempo como uma crítica amarga da loucura idólatra dos homens e um juízo sintético da história do Cristianismo. (QUENTAL, 1948, Vol. II, p. 24)